

## A Indústria Cultural e a Tradução como Produto

*Thiago de Sousa Almeida*<sup>1</sup>

### Introdução

O conceito de Indústria Cultural, criado pelos filósofos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, mostra-se extremamente atual apesar de ter sido originalmente cunhado há mais de 70 anos, em 1947. O homem/operário continua servindo ao capital, assim como a arte, que deveria ter justamente a função contrária: de se insurgir contra a manipulação do capital. O tradutor, apesar da natureza intelectual de sua atividade, não foge a esse destino.

Podemos perceber, relacionando o conceito de Indústria Cultural com os ensinamentos de Lawrence Venuti (teórico dos Estudos da Tradução) que, com o passar das décadas, a liberdade funcional e econômica do tradutor foi minada continuamente e também que existem momentos claros na história em que a atividade tradutória serviu mais como instrumento do capital do que como meio de disseminação de cultura.

### A Indústria Cultural

O conceito de Indústria Cultural (do alemão *Kulturindustrie*) vem dos filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer, membros da Escola de Frankfurt, e surgiu em 1947 com a publicação do livro

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos da Tradução; Universidade Federal do Ceará; Thiagoalmeida086@gmail.com

*Dialética do Esclarecimento* para designar o estado da arte e da cultura na sociedade da época: a sociedade capitalista industrial.

Temos, em meio à Segunda Guerra Mundial, a ascensão definitiva dos Estados Unidos como grande potência econômica mundial e o fortalecimento do modelo industrial como maior paradigma econômico da época. Tudo que era feito em solo norte-americano, e também o modo como era feito, tentava ser replicado em outros países a fim de tentar galgar melhores posições econômicas e reproduzir a ideia do sonho americano. Os Estados Unidos começaram a exportar não só produtos industrializados (principalmente armas, afinal o mundo estava em guerra) para o resto do globo, mas também valores, crenças e ideais de relacionamento pessoal e cultural.

Basicamente, na Indústria Cultural, tudo se submete ao modelo econômico e social vigente, tudo se transforma em negócio. É o poder absoluto do capital exercendo sua influência em todos os âmbitos da sociedade:

A dependência em que se encontra a mais poderosa sociedade radiofônica em face da indústria elétrica, ou a do cinema relativamente aos bancos, caracteriza a esfera inteira, cujos setores individuais por sua vez se interpenetram numa confusa trama econômica (ADORNO & HORKHEIMER, 1997, p. 115).

O homem, por sua vez, não passa de mero instrumento de trabalho, um recurso material para ser utilizado a serviço do capital e, como tal, deve ser moldado para satisfazer os interesses dos detentores dos meios de produção. O trabalhador é manipulado ao ponto de até mesmo seu “lazer” servir a um propósito bem específico – mantê-lo preso ao sistema e em condições de continuar exercendo suas funções a contento: “A diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo” (ADORNO & HORKHEIMER, 1997, p.128). O trabalhador vê no

cinema e na televisão todas as histórias de sucesso nas quais pessoas aparentemente comuns conseguem “subir na vida” e é condicionado a continuar trabalhando sob as piores condições possíveis pois, se personagem X de filme Y conseguiu riqueza (por conseguinte, acesso ao capital) somente como fruto de seu trabalho, isso também pode acontecer com ele. A arte, portanto, deixa de ser veículo contestador da realidade e passa a ser mais uma mercadoria, um objeto de consumo com uma função a ser desempenhada de acordo com os desígnios do capital.

Assim, com base na ideia de Indústria Cultural e no modelo socioeconômico que se originou à época do capitalismo industrial, discutiremos um pouco acerca de como o tradutor, enquanto trabalhador, se insere neste ambiente e como a tradução é utilizada, também, a serviço do capital relacionando os já mencionados Adorno e Horkheimer (*Dialética do Esclarecimento*, 1997) com o teórico de Estudos da Tradução Lawrence Venuti (*The Scandals of Translation*, 1998).

## **O Tradutor na Indústria Cultural**

Intérpretes acompanhavam os navegadores portugueses durante as grandes navegações nos séculos XV e XVI a fim de facilitar o contato com comerciantes nas Índias e povos nativos de outras partes “desconhecidas” do mundo. Vários séculos antes disso, a Bíblia fora traduzida do hebraico para o grego e do grego para o latim, o que possibilitou a expansão do Cristianismo sobretudo durante o Império Romano. Atualmente, tradutores trabalham para que *bestsellers* possam ser publicados o mais rapidamente possível nos mais diversos mercados consumidores e para que pessoas dos quatro cantos do mundo tenham acesso ao conteúdo produzido pela *Netflix* disponibilizado em seu próprio idioma (entre outras inúmeras atividades, obviamente). Vemos, assim, que o papel e os modos de atuação do tradutor mudaram

muito ao longo do tempo e a ligação estreita entre a atividade tradutória e interesses comerciais.

Em sintonia com as mudanças econômicas e sociais ocorridas no contexto da Indústria Cultural, mudanças efetuadas na legislação referente a direitos autorais tiveram grandes efeitos na atividade do tradutor. Seguindo uma tendência iniciada na década de 1950 e que se torna ainda mais popular a partir dos anos 80, Venuti diz que “most translations in the United States are done on a work-for-hire basis, whereby the translator receives a flat fee with no percentage of the royalties or subsidiary rights sales” (1998, p.47). Assim, se estabelece uma situação econômica desfavorável na qual inexistente incentivo para que tradutores invistam no início de projetos de tradução. Tal incumbência cabe, agora, às editoras.

Os tradutores, então, são forçados a se inserir nessa nova relação econômica diante das editoras destituídos de qualquer poder de barganha para negociar melhores condições de pagamento (a menos que se trate de um dos poucos tradutores que tenha conseguido alcançar reconhecimento público por ter seu nome associado a algum projeto de sucesso). Não há mais incentivo nem recompensa pelos esforços criativos dos profissionais, as editoras controlam tudo, até mesmo “o número médio de palavras da *short story* é algo que não se pode mexer” (ADORNO & HORKHEIMER, 1997, p.118). Sobre a influência do capital na atividade do artista (podemos relacionar artista e tradutor visto que a atividade de tradução, sobretudo tradução literária notadamente exige esforço criativo por parte de quem se propõe a levá-la a cabo), Adorno e Horkheimer ainda dizem que:

Só a obrigação de se inserir incessantemente, sob a mais drástica das ameaças, na vida dos negócios como um especialista estético impôs um freio definitivo ao artista. (...) Quem não se conforma é punido com uma impotência econômica que se prolonga na impotência espiritual do individualista (ADORNO & HORKHEIMER, 1997, p.125).

Portanto, podemos perceber a semelhança de condições entre o trabalhador industrial e o artista/tradutor inseridos no contexto da Indústria Cultural. Enquanto o operário se submete às condições impostas pelo capitalista detentor dos meios de produção, não possuindo qualquer poder de barganha para lutar por melhores condições de trabalho, situação semelhante vive o profissional da tradução frente ao poder das editoras. Ambos são manipulados para simplesmente aceitarem a situação como ela é e continuar servindo ao poder do capital indefinidamente.

### **A Tradução na Indústria Cultural**

Mencionamos anteriormente como a arte, no contexto da Indústria Cultural, deixou um pouco de lado sua qualidade de veículo contestador e questionador da realidade e passou a ser consumida como uma mercadoria, um objeto servindo aos interesses do capital. Discutiremos agora o papel da tradução em si enquanto objeto artístico/cultural e sua função diante do poder do capital. Segundo Adorno e Horkheimer:

“A tradução estereotipada de tudo, até mesmo do que ainda não foi pensado, no esquema da reprodutibilidade mecânica supera em rigor e valor todo verdadeiro estilo, cujo conceito serve aos amigos da cultura para transfigurar em algo de orgânico o passado pré-capitalista” (ADORNO & HORKHEIMER, 1997, p.120).

Venuti, ao tratar da tradução enquanto agente formador de identidades culturais, fala sobre a influência da tradução na criação/destruição de estereótipos, quebra ou reforço de antigas rivalidades, estabelecimento de relações diplomáticas, além de outras funções, nos seguintes termos:

Translation patterns that come to be fairly established fix stereotypes for foreign cultures, excluding values, debates, and

conflicts that don't appear to serve domestic agendas. In creating stereotypes, translation may attach esteem or stigma to specific ethnic, racial, and national groupings, signifying respect for cultural difference or hatred based on ethnocentrism, racism, or patriotism. In the long run, translation figures in geopolitical relations by establishing the cultural grounds for diplomacy, reinforcing alliances, antagonisms, and hegemonies between nations. (VENUTI, 1998, pp. 67-68)

Vemos, portanto, a dimensão diplomática da tradução. O modo como determinado país ou povo é visto por outro país ou povo é influenciado pela atividade de tradução, na formação de identidades culturais para países estrangeiros. Perceber as ramificações econômicas dessa influência não é algo complicado. Como uma engrenagem cumprindo seu papel para o funcionamento da máquina capitalista, as editoras, ao publicar obras de autores estrangeiros em seus respectivos mercados internos, o fazem de acordo com o desejo maior do capital. Se há um desejo de se estabelecer relações comerciais com um determinado país, este (tanto quanto possível) deve ser visto com bons olhos pela população local. Na época da concepção da Indústria Cultural, uma época desprovida da tecnologia que temos hoje, como internet e comunicação instantânea envolvendo o mundo inteiro e na qual o acesso a produtos em idiomas estrangeiros era bastante restrito a uma elite intelectual e econômica, a tradução de obras era essencial para a formação da identidade cultural de um país estrangeiro.

Venuti menciona um exemplo claro dessa busca pelo estabelecimento de relações comerciais e a consequente manipulação da identidade cultural de um povo estrangeiro ao falar da tradução de obras japonesas para o inglês para publicação no mercado norte-americano durante as décadas de 1950 e 1960. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi criada, no imaginário do povo norte-americano, a ideia de que o Japão era uma nação bélica e uma ameaça ao modo de vida ocidental. Depois da guerra, a

literatura japonesa publicada nos Estados Unidos passou a se referir mais constantemente à cultura tradicional do país, à influência ocidental e até mesmo a lamentar todas as mudanças sociais trazidas pelo conflito militar indesejado.

Thus, the nostalgic image projected by the canon could carry larger, geopolitical implications: the aestheticized realms [in the novels selected for translation] provided exactly the right image of Japan at a time when that country was being transformed, almost overnight in historical terms, from a mortal enemy during the Pacific War to an indispensable ally during the Cold War era. The English-language canon of Japanese fiction functioned as a domestic cultural support for American diplomatic relations with Japan, which were also designed to contain Soviet expansionism in the East. (VENUTI, 1998, pp. 72-73)

## Referências

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. **Dialética do Esclarecimento:** Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

VENUTI, Lawrence. **The Scandals of Translation:** Towards an Ethics of Difference. Londres. Routledge: 1998.